



A INSEGURANÇA ALIMENTAR EM CUIABÁ E OS CIRCUITOS CURTOS DE COMERCIALIZAÇÃO DE ALIMENTOS COMO POSSIBILIDADE DE SUA SUPERAÇÃO¹

INTRODUÇÃO

Este trabalho responde à necessidade de criar metodologias, a partir da geografia, para ajudar a definir estratégias que permitam encarar o problema da fome. A partir dos dados da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar (PENSSAN), revelou-se que a fome, em 2021, atingiu quase duas terças partes da população de Cuiabá. Este dado é muito expressivo porque ela é a capital do Estado considerado como bastião do agronegócio. ele também visa suscitar reflexões sobre a precariedade da segurança alimentar e a falta de soberania alimentar, que comprometem a reprodução social dos moradores desta cidade e de sua região metropolitana.

Mato Grosso é o maior produtor de soja, milho, algodão do Brasil e detém o maior rebanho bovino do país. Essa riqueza está expressa nos indicadores econômicos, já que, em pouco mais de uma década, o PIB estadual passou de R\$ 12,3 bilhões (1999) para R\$ 137,44 bilhões (2018), crescimento motivado principalmente pela agricultura, a principal atividade econômica do estado. Mato Grosso é, ainda, o maior produtor nacional de cereais, leguminosas e oleaginosas, com 67,5 milhões de toneladas (Conab, 2019), o que corresponde a 28% de toda a produção brasileira e também lidera a produção de carne bovina, com 1,2 milhão de toneladas (IMEA, 2018), tendo participação relevante na produção de cana-de-açúcar e algodão.

Apesar destes dados, tais índices de produtividade não se refletem no abastecimento de alimentos para a população, já que os índices de insegurança alimentar são muito expressivos. Insegurança alimentar é o termo técnico usado para expressar quando uma família não tem certeza da próxima refeição ou não tem alimentos de qualidade.

A insegurança alimentar no Mato Grosso é de importância considerável, todo um paradoxo para o estado que se preza de ser o “celeiro do Brasil”, já que esta atingia 63% da população em 2022,

¹ Esta pesquisa faz parte do Projeto de Pesquisa: “Mapeamento de redes curtas de comercialização de produtos agropecuários em Cuiabá”, desenvolvido junto ao Departamento de Geografia da UFMT Campus Cuiabá.



XI SINGA

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA
XII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA - JORNADA CARLOS WALTER PORTO-GONÇALVES

AS (IN)CONSEQUÊNCIAS TERRITORIAIS DA QUESTÃO AGRÁRIA E A
MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL: RESISTÊNCIAS TEÓRICAS E POLÍTICAS

08 A 12 DE OUTUBRO DE 2025 | UFMS | TRÊS LAGOAS - MS

segundo dados da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar (PENSSAN) Segundo dados da PENSSAN, no Estado, 31% das famílias possuíam insegurança leve; 14%, moderada e 17%, grave.

Perante esta situação, torna-se necessário identificar as possíveis estratégias para encarar esta insegurança alimentar, em definitiva se impõe a relevância de pensar como ter acesso à alimentação de qualidade e fazer com que esta alimentação responda às necessidades e possibilidades da população, num contexto em que o alimento é, antes de tudo, uma mercadoria e no qual sua produção e comercialização estão pautadas pelo lucro e não pela busca de saciar a fome. É aqui onde introduzimos o conceito de soberania alimentar.

A respeito dela podemos dizer que surge, pela primeira vez, em abril de 1996, como resultado da Conferência Internacional da Via Campesina celebrada em Tlaxcala, México, ela é uma proposta política alavancada no desenvolvimento justo e sustentável do sistema agroalimentar. Por meio do apelo à soberania alimentar pretende-se conseguir um amplo direito à alimentação, redução da pobreza, desenvolvimento rural e sustentabilidade do meio ambiente, da perspectiva da justiça social y equidade de gênero. Em novembro de 1996, durante o Foro [Mundial sobre a Alimentação em Roma, a Via Campesina declarou que a Soberania alimentar “é uma condição prévia para uma verdadeira segurança alimentar”, e portanto, ao direito à alimentação” (AGUILAR, 2012, p. 3).

A busca pela soberania alimentar está estruturada a partir da crítica ao denominado “Regime alimentar corporativo” (McMICHAEL, 2016), em que as grandes corporações transnacionais do sistema alimentar controlam todas as fases do processo de produção, comercialização, distribuição e consumo de alimentos.

Para enfrentar esta situação pensa-se em incentivar os circuitos curtos de comercialização, que são esquemas nos quais as e os agricultores vendem diretamente aos consumidores e com mínima intermediação (ONU, 2014) eles estão fundamentados numa demanda crescente pelos compradores que procuram produtos frescos e saudáveis em mercados camponeses, as feiras regionais, as quitandas e outras estratégias de comercialização dos produtos da agricultura familiar.

As feiras livres são eventos realizados em locais públicos em que as pessoas, em determinados dias e épocas, comercializam, expõem e vendem mercadorias (Bustamante e Duraes, 2015).



METODOLOGIA

Foi feito levantamento bibliográfico sobre o tema após a seleção das palavras chave centrais para o desenvolvimento da pesquisa, tanto em bibliotecas, quanto na Internet. As fontes bibliográficas principais foram selecionadas de acordo com a temática da pesquisa: a. Produção e consumo de alimentos na escala metropolitana; b. Informação geohistórica e cartográfica; c. Informação relativa à legislação sobre feiras livres no espaço urbano de Cuiabá e região; d. Dados estatísticos sobre desenvolvimento socioeconômico de Cuiabá e região.

Também foram feitos trabalhos de campo a áreas de produtores agropecuários do Município de Cuiabá e dos municípios da Região Metropolitana do Vale do Rio Cuiabá (RMVRC), como Várzea Grande, Santo Antônio de Leverger, Chapada dos Guimarães e Acorizal, nesse trabalhos de campo fez-se georreferenciamento para identificar as áreas produtoras e cartografadas para gerar diferentes mapas. Finalmente foi feita análise das informações coletadas com o intuito de explicar a dinâmica dos circuitos de produção e comercialização de alimentos na Região Metropolitana do Rio Cuiabá;

Optou-se por identificar aqueles produtos que são produzidos nos municípios da Região Metropolitana do Vale do Rio Cuiabá. O período de estudo foi entre 2018 e 2024, o primeiro ano foi definido porque a partir dele foi feito o mapeamento das feiras livres (disponível na internet em https://www.google.com/maps/d/viewer?mid=1_xY5ypgMBIpRveGXILFbLcKUE_6SqO68&usp=sharing)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo dados da Prefeitura Municipal de Cuiabá, o município possui hoje 53 feiras livres nos diversos bairros da capital, que acontecem entre terça-feira e domingo toda semana, beneficiando em torno de 1.200 pequenos e microempreendedores (feirantes) e atendendo aproximadamente 300 mil consumidores ao mês, com a comercialização de diversos produtos à população. Ainda segundo os dados da Secretaria Municipal de Agricultura, Trabalho e Desenvolvimento Econômico do Município de Cuiabá (SEMADE), organismo específico da administração pública municipal que se encarrega da realização das feiras livres, existiam para março de 2024, 717 feirantes cadastrados e 40, em análise.

As feiras livres distribuem-se da seguinte forma:



XI SINGA

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA
XII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA - JORNADA CARLOS WALTER PORTO-GONÇALVES

AS (IN)CONSEQUÊNCIAS TERRITORIAIS DA QUESTÃO AGRÁRIA E A
MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL: RESISTÊNCIAS TEÓRICAS E POLÍTICAS

08 A 12 DE OUTUBRO DE 2025 | UFMS | TRÊS LAGOAS - MS

Na terça-feira acontecem sete, nos bairros Coophema, Dr, Fábio, Jardim Independência, Planalto, Parque Atalaia, Residencial Sana Inês e Tijucal Setor IV.

Na quarta-feira acontecem oito, nos bairros bela Vista, CPA III (Setor II), Grande Terceiro, Morada do Ouro, Nova Esperança, Santa Terezinha, Jardim das Palmeiras e Poção.

Na quinta-feira acontecem seis, na praça na frente da Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte e nos bairros Alvorada, Jardim Florianópolis, Ribeirão do Lipa, Osmar Cabral e Tijucal Setor I

Na sexta-feira acontecem dez, nos bairros Araés, CPA III (Setor III), Dom Aquino, Jardim Vitória, Jardim Colorado, Jardim Paulista, Jamil Boulos, Parque Cuiabá. Recanto Costa Marques e Recanto dos Pássaros.

No sábado é o dia em que acontecem mais feiras, sendo treze, nos Bairros Duque de Caxias, Praieiro, Terra Nova, Primeiro de Março, Santa Terezinha, Altos da Serra-Residencial Despraiado, Residencial Paiaguás, Jardim Paulicéia, Sol Nascente, Tijucal Setor II, Três Barras e nos Distritos de Guia e Sucuri.

No domingo é o dia em que acontece o menor número de feiras sendo apenas quatro, porém de grande tamanho e localizadas em bairros muito importantes como as do CPA I (a maior de Cuiabá), Osmar Cabral, Pedra 90 e Pedregal.

A maior parte das feiras acontece entre as 16 e as 22 horas por causa do intenso calor da cidade, porém, existem casos como os da feirinha da Praça da Igreja da Nossa Senhora da Boa Morte, que por estar localizada no centro histórico da cidade, acontece em horário diurno, a partir das 6 horas da manhã, o mesmo acontece com as dos bairros Duque de Caxias, Praieiro e Terra Nova e com as realizadas no dia domingo que, como foi explicado antes, acontecem em bairros de grande população, sendo as maiores da cidade. Os horários de ocorrência das feiras também respeitam os ritmos da vida cotidiana dos moradores da cidade, favorecendo os tempos por fora do horário comercial, por isso as feiras no domingo têm a maior duração. As feiras dos distritos de Guia e Sucuri, também acontecem durante o dia todo por corresponder à área rural.

A maior parte das feiras acontece em bairros da periferia ou semiperiferia de Cuiabá como Dr, Fábio, Tijucal, Santa Terezinha, Osmar Cabral, Parque Cuiabá, Recanto dos Pássaros ou Pedra 90. A maior delas acontece em vários dias no setor do CPA I e III, em dois setores diferentes deste último. Também em Tijucal acontece em três dias diferentes em três setores diferentes. É nestas áreas que as feiras são maiores e atraem maior número de feirantes e clientes, enquanto que outras, localizadas em áreas mais centrais, são de menor porte e algumas, inclusive, têm dificuldades para sua continuidade, como as de Jardim Paulista ou Dom Aquino. É nos bairros da periferia ou



semiperiferia onde mora a maior parte da população trabalhadora que nem sempre tem condições para acudir aos grandes supermercados e que mantém uma memória e uma racionalidade mais próxima da vida camponesa, a feira é, também, a possibilidade de socializar nas barracas que comercializam alimentos e bebidas e que são maioria. Em contraste, nas áreas mais centrais, as feiras tendem a se esvaziar pelo deslocamento dos seus moradores tradicionais para áreas mais longínquas, dentre outras razões.

A partir desta pesquisa, pudemos estabelecer que a rede de comercialização de produtos agropecuários em Cuiabá e sua região metropolitana tem como base a Central de Abastecimento de Cuiabá, os mercados do Porto e do Centro e as feiras livres, embora, em muitos casos, os próprios produtores distribuem à domicílio para os compradores e existam casos de feiras livres que não são organizadas pela prefeitura, mas por associações de moradores, especialmente em bairros nobres como Jardim das Américas, onde acontecem feiras estáveis nas terças e sextas e uma feira itinerante nas quintas. Os empreendedores tendem a ser diferentes em cada uma das feiras, porém, existe pouco espaço para a comercialização de produtos agropecuários, sendo mais eventos gastronômicos. Outro tanto pode ser dito do chamado *bulicho*, do SESC Arsenal, que acontece nas quintas-feiras onde o foco não é a comercialização de produtos *in natura*, mas a exposição de diferentes iniciativas de microempreendedorismo local.

A produção e comercialização dos alimentos de Cuiabá e sua área metropolitana é feita, desde tempos coloniais, em municípios próximos da cidade de Cuiabá que têm áreas de várzea do Rio Cuiabá e seus afluentes, como Santo Antônio de Leverger, Acorizal e Jangada, principalmente. Também é expressiva a produção em sítios pertencentes ao Distrito de Guia, do Município de Cuiabá, principalmente. Embora a maior parte dos sítios esteja em áreas de várzea, também é expressiva a produção em áreas ao pé da Serra de São Vicente, como a Agrovila das Palmeiras ou ainda, em assentamentos de reforma agrária em áreas do planalto, particularmente no Assentamento Santo Antônio da Fatura, entre os municípios de Santo Antônio de Leverger e Campo Verde.

Nestes lugares são produzidas frutas como banana e cítricos; legumes com mandioca e abóbora e ainda verduras como alface e rúcula. Também há considerável produção de alimentos de origem animal como leite, ovos, frango caipira, porcos e, nas áreas próximas ao Rio Cuiabá, como Santo Antônio de Leverger, expressiva produção de peixe em áreas com expressivo número de empreendimentos destinados à piscicultura.

São comercializados, também, muitos produtos elaborados como doces, queijos, manteiga e bolos.



XI SINGA

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA
XII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA - JORNADA CARLOS WALTER PORTO-GONÇALVES

AS (IN)CONSEQUÊNCIAS TERRITORIAIS DA QUESTÃO AGRÁRIA E A
MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL: RESISTÊNCIAS TEÓRICAS E POLÍTICAS

08 A 12 DE OUTUBRO DE 2025 | UFMS | TRÊS LAGOAS - MS

Entre 2018 e 2024, algumas feiras desapareceram e outras ganharam importância, como consequência da pandemia do COVID-19, particularmente iniciativas como a Feira Agroecológica da UFMT.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho demonstrou que a rede de circuitos curtos de comercialização de produtos agropecuários no Município de Cuiabá é muito pequena e que se expressa, principalmente, nas diversas feiras livres que comercializam a produção camponesa da área rural de Cuiabá e distintos municípios da Região Metropolitana do Vale do Rio Cuiabá (RMVRC). Estas redes se encarregam de fornecer alimentos à população dos bairros populares da cidade, tentando favorecer o acesso a alimentos nem sempre disponíveis nas redes de supermercados.

A comercialização destes alimentos que é feita de maneira direta, sem intermediação de atravessadores, e que faz com que os produtos sejam mais acessíveis à população de baixa renda é ainda incipiente. Em casos como os do Assentamento Santo Antônio da Fartura, na região serrana do Município de Santo Antônio de Leverger, uma das principais áreas produtoras da Região Metropolitana do Vale do Rio Cuiabá, os moradores preferem, em sua grande maioria, entregar a produção para atravessadores, que comercializam a produção na próxima CEASA do Distrito Industrial de Cuiabá. A razão para isto é o alto custo do transporte, especialmente de produtos que precisam de refrigeração como as verduras. Também, e como já foi explicado, muitos produtores que realizam a comercialização direta nem sempre utilizam as feiras, entregando os produtos diretamente nos domicílios dos compradores. Isto é possível para produtores que trabalham ou estudam em Cuiabá nos dias de semana e precisam se deslocar diariamente para a cidade.

Apesar da relativa importância das feiras livres, a maior parte dos produtos alimentícios que se comercializa em Cuiabá provém de áreas muito distantes da cidade, o que se relata na própria CEASA. Esta situação gera graves problemas de pegada ecológica e fazendo a população suscetível a eventos desastrosos como a pandemia que, pelo fechamento das cadeias de fornecimento de alimentos levaram a uma terceira parte da população da cidade a passar fome.

Também pode-se dizer que nem todas as feiras livres que acontecem são organizadas pela prefeitura, existem algumas em bairros nobres como Jardim das Américas, que são feitas pela mesma comunidade, também existem iniciativas como o *Bulicho* do SESC Arsenal, que é realizado toda



XI SINGA

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA
XII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA - JORNADA CARLOS WALTER PORTO-SOHNALVES

AS (IN)CONSEQUÊNCIAS TERRITORIAIS DA QUESTÃO AGRÁRIA E A
MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL: RESISTÊNCIAS TEÓRICAS E POLÍTICAS

08 A 12 DE OUTUBRO DE 2025 | UFMS | TRÊS LAGOAS - MS

quinta-feira à noite e visibiliza a produção local embora se trate, principalmente de microempreendedores que comercializam produtos como queijos finos, doces e alimentos, em geral, apesar disso existem dois ou três postos que comercializam produtos agropecuários, comercializados via cooperativas ou pequenas associações de agricultores. Em outros casos, este tipo de iniciativas acontece no interior de shoppings. Finalmente, cabe destacar a importância da Feira Agroecológica da UFMT e da JURA (Jornada Universitária pela Reforma Agrária), que visibiliza a produção de muitos assentamentos, particularmente os pertencentes ao MST.

O arcabouço institucional necessário para a manutenção deste pequeno conjunto de circuitos curtos de comercialização é frágil, pois depende do apoio institucional, principalmente da prefeitura que, quando houve mudança do prefeito, eliminou a SEMADE e transformou-a em outra entidade sem o mesmo grau de comprometimento com o impulso à comercialização de produtos da agricultura familiar.

Nestas circunstâncias, é importante que a prefeitura, as associações de produtores, os movimentos socioterritoriais e diversas organizações da sociedade civil contribuam ao apoio a este tipo de iniciativas.

Palavras-chave: Cuiabá, soberania alimentar, feiras livres, fome, circuitos curtos.

REFERÊNCIAS

Aguilar, W. 2012. Análisis de indicadores para determinar la evolución de la soberanía alimentaria para la región de América Latina. Projeto especial de graduação do programa de Engenharia em Administração de Agronegócios, Escuela Agrícola Panamericana, El Zamorano. Honduras 45p

Bustamante Paula C. Durães Priscilla G. D. O impacto da feira livre do bairro Major Prates da cidade de Montes Claros na renda dos feirantes. Revista Desenvolvimento Social No.14 Volume 01, Unimontes: Montes Claros, 2015. Pp. 109-128

ONU. Agricultura Familiar y ciclos cortos: Nuevos esquemas de producción, comercialización y nutrición. Serie Seminarios y Conferencias Número 77. Organización de las Naciones Unidas, Comisión Económica para América Latina: Santiago, 2014.



XI SINGA

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA
XII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA - JORNADA CARLOS WALTER PORTO-GONÇALVES

AS (IN)CONSEQUÊNCIAS TERRITORIAIS DA QUESTÃO AGRÁRIA E A
MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL: RESISTÊNCIAS TEÓRICAS E POLÍTICAS

08 A 12 DE OUTUBRO DE 2025 | UFMS | TRÊS LAGOAS - MS

McMichael Phillip, Regimes alimentares e questões agrárias. São Paulo: Editora UNESP e Editora da UFRGS, 2016 256 p.

Rodríguez, Flavio Bladimir. Nuestro pan de cada día. la huella ecológica alimentaria de Bogotá. In: Región, Ciudad y áreas protegidas. Cardenas, Correa y Mesa (Orgs.), Cerec: Bogotá, 2005 . Pp. 223-246